

# Falamos a mesma língua: Uma conversa entre Nikoleta Kerinska e Kapka Kassabova<sup>1</sup>

We speak the same language: A conversation between Nikoleta Kerinska and Kapka Kassabova<sup>2</sup>

KAPKA KASSABOVA

Escritora - Escócia

NIKOLETA KERINSKA

Universidade Politécnica Hauts-de-France, LARSH - Département DeScripto, Valenciennes - França

## RESUMO

Há alguns anos, enquanto passeava pelo *Quartier Latin* e olhava as vitrines das livrarias, meu olhar foi atraído por uma capa: um desenho de traços expressivos retratava colinas cobertas de ervas selvagens, com uma bétula em primeiro plano, depois uma aldeia aninhada nas montanhas e o horizonte – uma curva irregular cortando o céu azul claro, sobre o qual li *Eliksir*. Tudo isso me pareceu conhecido, quase íntimo, e essa sensação foi confirmada quando percebi o nome da autora: Kapka Kassabova. Eu não a conhecia, mas tinha certeza – ela era búlgara. Por alguns instantes, deixei meu olhar vagar novamente pela capa do livro, depois entrei e o comprei. Esse foi meu primeiro contato com a literatura de Kapka Kassabova. Desde as primeiras páginas, mergulhei num mundo mágico onde natureza, animais e humanos coexistem como órgãos de um mesmo corpo, como elementos de um único organismo. *Eliksir* é uma cura poética, um sonho e uma revelação, uma jornada da qual saímos transformados e renovados, inspirados a buscar a verdadeira felicidade. Essa jornada me levou à publicação deste volume da revista *Estado da arte* e ao diálogo que se segue.

## PALAVRAS-CHAVE

Kapka Kassabova; Natureza; Literatura

## ABSTRACT

A few years ago, while strolling through the Latin Quarter and looking at the bookshop windows, my gaze was attracted by a cover: an expressive line drawing depicting hills covered in wild herbs, with a birch tree in the foreground, then a village nestled in the mountains and the horizon – an irregular curve cutting across the pale blue sky, above which I read *Eliksir*. All of it felt familiar to me, almost intimate, and that feeling was confirmed when I noticed the author's name: Kapka Kassabova. I didn't know her, but I was certain – she was Bulgarian. For a few moments, I let my eyes wander again over the book's cover, then I went in and bought it. That was my first encounter with Kapka Kassabova's writing. From the very first pages, I was immersed in a magical world where nature, animals and humans coexist like organs of the same body, like elements of a single organism. *Eliksir* is a poetic cure, a dream and a revelation, a journey from which we emerge transformed and renewed, inspired to seek true happiness. This journey led me to the publication of this issue of *Estado da arte* and to the dialogue that follows.

## PALAVRAS-CHAVE

Kapka Kassabova; Nature; Literature

**Nikoleta Kerinska:** Seus livros são um convite a olhar para a natureza a partir de uma perspectiva interna, no sentido de ocupar o lugar da natureza, de substituir o

---

<sup>1</sup>Agradeço imensamente à Kapka pela disponibilidade, pela sinceridade e pela humanidade; agradeço também a sua assistente Dona e à sua agente Jessica Bullock pela ajuda e pelo profissionalismo.

<sup>2</sup>I am immensely grateful to Kapka for her availability, sincerity, and humanity; I also thank her assistant, Dona, and her agent, Jessica Bullock, for their help and professionalism.

antropocentrismo por outra forma de pensar e de ver o mundo. Entre as muitas questões que seus leitores enfrentam, uma é talvez a mais difícil e a mais importante: Será que a espécie humana perdeu sua conexão com o meio ambiente e com suas raízes? Será que o homem moderno não vive em um mundo espelhado, que prega a dicotomia entre cultura e natureza, no qual a vaidade e os simulacros triunfam? E, se for esse o caso, você acha que um retorno à natureza e uma simbiose “homem/natureza” ainda são possíveis?

**Kapka Kassabova:** Na minha opinião, a questão que você levanta é a grande questão da nossa era – esta era em que o antropocentrismo, baseado no sistema *industrial-militar*, está em colapso. Esta civilização *industrial-militar* em que vivemos está em processo de desintegração, e vemos isso em todos os lugares. Acredito que esta seja a questão mais importante tanto para a sociedade quanto para cada indivíduo. Penso que a mudança começa no indivíduo, e que não podemos falar de grandes processos, de problemas globais, sem falar de nós mesmos, e de como cada um de nós vive. A mudança começa dentro de nós, não em algum lugar externo. Em grande medida, como você mencionou muito apropriadamente, o mundo espelhado, de fato vivemos em um mundo espelhado.

Vivemos num mundo de *correspondências*, ou ainda, de *ressonâncias*. A razão para isso é que criamos a nossa realidade de dentro para fora. Somos nós que criamos a realidade em que, de repente, nos encontramos vivendo. Criamos também cada um de nós. Quero evitar as grandes generalizações. Para mim, como indivíduo, meus livros são uma imersão em microcosmos, onde o foco é sempre a pessoa pequena, que na verdade é um planeta inteiro, assim como cada um dos personagens de *Anima* e *Elixir*. Eu, como narradora, também sou um planeta inteiro. Digamos que somos todos *planetas* que se encontram, e milagres podem acontecer nesses encontros. Interesse-me por esses pequenos milagres, e é aí que reside a minha esperança, como pessoa e como escritora que escreve isto que vive. Para mim, escrever e viver são uma só coisa – não separo a escrita da vida. Este tema me entusiasma porque a vida dos escritores está se tornando cada vez mais uma vida *acadêmica*. Acho importante retornar, como você disse, às coisas reais – é importante retornar à vida. Há esperança ali, este é o processo de cura. *Elixir* é um livro que fala sobre cura, sobre revitalização, sobre retornar à vida, que nesta civilização decadente está ameaçada. Nesta nossa civilização antropocêntrica, onde não há lugar para outras espécies, na verdade não há lugar para a vida.

Você levanta a questão da dicotomia cultura/natureza. Desde que voltei a viver perto da natureza e longe das grandes cidades, o que aconteceu há cerca de 15 anos, realizei uma revolução pessoal. Foi assim que embarquei numa jornada para escrever estes quatro livros da tetralogia sobre os Balcãs: *Fronteira*, *Ao Lago*, *Elixir* e *Anima*. Se eu não tivesse vindo morar aqui na Escócia, perto da natureza, não teria conseguido seguir os caminhos destes livros, porque são caminhos da periferia. Não são livros sobre vaidade urbana e lugares centrais, são livros sobre lugares periféricos, e são esses lugares que me interessam. Desde o livro *Fronteira* (Border, 2017), comecei perceber com clareza esses lugares *periféricos* – sempre uso a palavra entre aspas, porque para mim a periferia se tornou o centro. Vivo em uma dessas periferias no norte da Escócia e, para mim, ela é o centro. É aqui que as coisas importantes acontecem. É aqui que estão os recursos naturais e as histórias não contadas. É aqui que os ossos sem nome estão enterrados, é aqui que está a história alternativa que não consta nas fontes oficiais, e, é aqui que está tudo o que as pessoas da cidade realmente desejam... e, é para cá que os cidadãos virão quando as cidades implodirão (futuristamente falando, é claro).

#### *Anima mundi*

*Os alquimistas europeus chamavam-lhe a quinta essência, o quinto elemento. Platão chamava-lhe alma e inteligência do mundo. A alma do mundo é uma força viva que percorre todos os seres numa teia de interconexões. O mundo-máquina não há alma. Para se reconectar com o quinto elemento, é preciso perceber o mundo como jardim. Este é o convite do paradigma de Gaia – para sair do nosso isolamento mecânico e entrar num mundo de maravilhas.*

*Quando os eco-psicólogos da década de 1960 perceberam que “o núcleo da mente é o inconsciente ecológico”, descreveram em linguagem moderna o universo dotado de alma no qual Gaia participa de uma maneira misteriosa, mas decisiva.*

*“Há uma certa verdade nas coisas naturais que não é vista com o olho exterior, mas é percebida apenas pela mente, e disso os filósofos tiveram experiência e constataram que sua virtude é tal que realiza milagres”, escreveu um alquimista belga do século XV. Encontrei isso em Aion, Estudo do simbolismo de si mesmo de Carl Jung, que é uma investigação sobre a fenomenologia do eu em sua integralidade. Às vezes, a alma do mundo é alada como um pássaro. Às vezes, é esférica,*

*como o peixe metafísico mencionado pela primeira vez em um texto alquímico: “Há no mar um peixe redondo.” Jung o chama de peixe alquímico. Essa criatura esférica do oceano primordial representa o lápis-lazúli do dragão, ou a pedra filosofal, ou al-iksir. Ela está tanto dentro quanto fora do eu.*

*Supõe-se que o olho externo não possa ver nada disso. Mas existem lugares onde o olho se torna interno, e a alma do mundo se torna externa. Lugares onde algo é alquimizado coletivamente. O fundo do oceano e o deserto existem ao mesmo tempo no mesmo lugar. Lá, a alma do mundo vagueia livremente.”<sup>3</sup>*

É por isso que, quando digo *periferia*, sempre coloco entre aspas. Desde que comecei a trilhar os caminhos periféricos com estes quatro livros, entendi que não há dicotomia entre natureza e cultura, que toda cultura humana brota da natureza. Vemos isso desde as primeiras religiões humanas. Analiso esse tema com mais detalhes em *Elixir* (2024), mas também, é claro, em *Ao Lago* (*To the lake*, 2020). Caminhar pelo ecossistema perfeito dos dois lagos, Ohrid e Prespa, é uma metáfora de um mundo perfeito. Ainda temos lugares e metáforas assim. A primeira religião do homem é a água limpa, porque o homem sempre venerou a nascente. Isto não é em vão! Penso, e tenho a sensação de que esta também será a última religião: a água limpa. Rezaremos pela última gota de água limpa! Nesse sentido, acho que estes quatro livros mostram muito claramente por que, na verdade, não há fronteira entre natureza e cultura.

Compartilho com vocês uma pergunta que me fizeram: «Devemos proteger os últimos pastores?» ou: «Por que escrever sobre os últimos pastores?». Não quero chamá-los de *últimos*, talvez não sejam os últimos. Talvez haja um retorno. Esperamos que não sejam os últimos. Tornou-se moda chamar isto e aquilo de *último*, porque todos temos essa sensação de que estamos perdendo... de que estamos perdendo coisas muito valiosas, e, estamos realmente à beira de perdê-las. Por que precisamos preservar essas espécies autóctones de ovelhas, cabras, cavalos, cães? A própria pergunta mostra até que ponto perdemos o contato com a realidade. Eu faria a pergunta de outra forma: por que precisamos preservar os museus e as galerias de

---

<sup>3</sup> Extrato do livro **Elixir: A Voyage into Alchemy**, (trad. Nikoleta Kerinska) Ed. Jonathan Cape – London, Penguin Random House – UK, p. 321.

arte em Londres? Por que eles são tão importantes quando não temos água potável? Essa é a pergunta inversa! Por que precisamos da indústria da moda quando sabemos que ela é inteiramente baseada na exploração? Tomemos como exemplo as costureiras na Bulgária, sobre as quais escrevo em *Elixir*, de aldeias como Breznitsa e Mesta, que recebem 600 leva<sup>4</sup> (este é o salário-mínimo na Bulgária) para produzir roupas da Hugo Boss.

Espero que vejamos o colapso de algumas dessas indústrias, e o retorno a condições igualitárias, porque todas as nossas indústrias, e todo o nosso sistema *industrial-consumidor* baseiam-se em enormes desigualdades, e nós, búlgaros, sabemos disso melhor do que muitas pessoas na Europa Ocidental. Eu moro em uma vila no norte da Escócia, o que me permite de observar a ruptura crescente entre a vida rural e a vida urbana. Vejo como isto como uma lacuna cada vez maior entre o modo de vida urbano (eu não chamaria isto de “civilização”) e a vida fora das grandes cidades. Essa lacuna não é como o que costumávamos chamar de Europa Oriental e Europa Ocidental – essas diferenças não existem mais.

**N. K.:** O que eu vejo é que estamos nas grandes cidades porque existe a ideia (talvez a ilusão) de que nestes lugares somos mais valorizados: há empregos e salários e nossa mão de obra é necessária. Esse fenômeno não é apenas europeu – isso acontece na América, na América Latina e na Ásia. Encontramo-nos, portanto, num círculo fechado do qual não conseguimos escapar. Conheço muitas pessoas que dizem: “Assim que eu encontrar algum meio de subsistência fora da cidade grande, algo que eu tenha estudado e que eu consiga fazer, irei embora imediatamente!”

**K. K.:** Desde a pandemia, esse refrão se tornou cada vez mais comum. Você o descreve muito bem: “um círculo fechado do qual não conseguimos escapar”. Este é o sistema militar-industrial em que vivemos, embora não o sintamos o tempo todo. Este é o sistema que opera em Gaza, onde o genocídio caminha lado a lado com o ecocídio. Não apenas na Palestina, mas também em outros lugares, o ecocídio e o genocídio – a destruição da vida, humana e não humana – são fenômenos globais que estão se acelerando. E todos nós, mesmo quando estamos em Paris, Edimburgo, no norte da Escócia ou em Pirin, onde se passa o livro *Anima*, somos, em certa medida, vítimas desse sistema, porque ele é extrativista. Funciona com base no

---

<sup>4</sup> Valor equivalente à 300 euros.

princípio da extração. É sobre isso que trata meu novo livro, que ainda não foi publicado.

A extração de todos os tipos de recursos naturais, incluindo a extração intelectual de tudo o que uma pessoa tem e pode oferecer: propriedade intelectual, energia, tempo, saúde. Isso é extração. E as grandes cidades são como centrífugas para extrair recursos humanos, e em troca nos dão (como você disse) uma sensação de recompensa, de alguma importância, digamos, alguma validação. Tenho a impressão de que cada vez mais pessoas estão percebendo a ilusão, e que todos nós vemos que o preço é muito alto, e ao mesmo tempo nossas cidades estão mudando. Toda vez que vou a uma grande cidade na Europa, a encontro negativamente transformada em relação à última vez. Seja Veneza ou Paris, não importa. Da última vez que estive em Barcelona, quase não a reconheci, quase não reconheci o caráter do centro de Barcelona. É como se os corações das cidades tivessem sido arrancados pelo fenômeno do turismo de massa: outra indústria que extrai. Extração em massa e padronização em massa de tudo, e, em todos os lugares, inclusive no reino animal. Vemos e vivemos essa padronização de forma global.

Em *Anima*, como você deve se lembrar, escrevo sobre diferentes raças de animais. Na Bulgária, e nos Balcãs em geral, a industrialização chegou tarde, felizmente. Mas, apesar disso, em duas gerações, a industrialização conseguiu destruir completamente raças inteiras de animais, criando híbridos mais produtivos, e, é por isso que essa história – a história pastoril – é tão importante. Ela é real, de carne e osso, e, extremamente simbólica. Ela é importante para as pessoas da cidade, pois conta como espécie de animais desaparecem, como aliás, espécies de pessoas também desaparecem, modos de vida desaparecem, ecossistemas desaparecem. Para contar a história dessas desapareções me lancei nessa provação que é *Anima*. Porque vi o quão importante essas pessoas são, vi todo trabalho que elas realizam. Os pastores e criadores de gado nas montanhas são verdadeiros revolucionários. Eles são “combatentes da resistência”. Eles estão na linha de frente! Para mim, eles são mais importantes do que os intelectuais em várias instituições que, na verdade, estão “mastigando venenos antigos”, como escreveu Eugenio Montale, um dos poetas favoritos da minha juventude em Sofia. É por isso que nossa civilização está morrendo, porque estamos mastigando venenos antigos, cito Eugenio Montale. E é por isso que, como autora, me sinto atraída por lugares e pessoas que, em vez de mastigar venenos antigos, dão algo ao mundo, algo real, algo novo, algo vivo, algo

que cresce. Não se trata apenas um processo externo, mas também interno. E, na verdade, todos nós buscamos esses lugares, essas experiências, essas pessoas e esses momentos. É isso que nos mantém em movimento.

**N. K.:** Já que você mencionou a questão da pecuária e das espécies extintas, quero compartilhar algo com você que também é uma forma indireta de fazer a pergunta original. Passo o verão em uma vila búlgara perto de Lukovit, chamada Dermantsi. Nas minhas memórias de infância, inúmeras manadas de búfalos, ovelhas e cabras invadiam as ruas à noite, voltando do pasto. Essas manadas não existem mais, desapareceram. No verão passado, conversei com um morador de Dermantsi, mais jovem, mas que se lembra daqueles tempos. Ele é um dos poucos que ainda cria alguns animais. Ele me disse: «Você não imagina como é difícil hoje em dia ter o direito de cuidar de animais! Eles precisam passar por inspeções, precisam ser vacinados, registrados. São tantas exigências e até o funcionário da prefeitura que veio aqui para tratar disso me disse: Você escolheu um hobby muito caro!». Essas palavras me chocaram, porque na minha infância, cuidar de animais era algo comum. Todo mundo cuidava de animais em seus quintais, e não só não era caro, como nem era um hobby – era algo normal.

**K. K.:** Deveria ser normal. Na verdade, isso também é uma grande distorção e perversão. Esses são os golpes do sistema *industrial-militar*. E eu sempre digo isso em conjunto, porque, para mim, a civilização industrial sustenta a civilização militar. Vemos como o genocídio em Gaza enriquece os fabricantes de armas. Assim como a agricultura industrial enriquece diversos investidores, enquanto empobrece o pequeno produtor, e destrói nossos ecossistemas e nossas próprias almas. Estamos à beira de perder nossa alma como espécie, depois de perdermos todos os nossos animais. Cito o casal de pastores de cabras em *Anima*, que lida com cabras Kalofer. A protagonista, Andrea, sempre fala sobre “os animaizinhos”, “os nossos animaizinhos”, “devemos cuidar deles de manhã, durante o dia e à noite”. Ela tem plena consciência de tudo que estamos falando. Ela fez um sacrifício e investiu tudo nos animais, porque sem eles pereceremos, se não imediatamente, em breve. Tudo está interligado. Quem trabalha com animais sabe como tudo se conecta. E assim, o fato de eu ter conseguido escrever *Anima* e *Elixir*, esses dois livros sobre ecologia humana, foi para mim uma conquista pessoal suprema. Primeiro, por ter vivenciado tudo aquilo com dignidade, mesmo não sendo a minha vida, já que a minha vida, em grande parte, espelha a vida das pessoas retratadas nesses dois livros. Eu não moro literalmente lá, mas vivo em

um lugar semelhante no norte da Escócia. Então, foi uma conquista suprema para mim penetrar nesses mundos e criar esses dois livros. Contar a história dessas pessoas aos nossos contemporâneos, mas também às gerações futuras. Para mim, esses livros são monumentos justamente por esse motivo.

**N. K.:** Seus livros são verdadeiros hinos à natureza: plantas, animais e pessoas, distantes da vida moderna, são os protagonistas dessas histórias, que você define como “literatura não ficcional”. Essa definição é importante para você? Por que é importante especificar a eixo documental de suas histórias? Vou esclarecer minha pergunta: sempre achei que a ficção (e mais especificamente a literatura ficcional) nos permite analisar e compreender o mundo, fornecendo-nos certos modelos pelos quais o acesso à realidade se torna mais direto, e até mais fácil. Sua posição é a de que você escreve uma narrativa documental, no sentido de uma narrativa que reflete a vida vivida, e o que você experimentou. E embora nós, os leitores, a leiamos dessa forma, ela nos transporta para outros tempos e outros espaços. Em determinado momento estamos irremediavelmente imersos nela, vivenciando uma verdadeira aventura ficcional, apesar dos elementos que, de tempos em tempos, nos trazem de volta à realidade. Existe alguma fronteira entre ficção e não ficção em seus livros?

**K. K.:** Essa é uma pergunta complexa. Permita-me abordá-la sem entrar em teoria literária. Poderíamos, mas não é interessante. Vamos falar sobre a minha prática, especificamente com exemplos dos livros que escrevo, e também sobre a minha visão como leitora, porque todo escritor é, antes de tudo, um leitor. Para mim, nunca houve uma grande diferença entre ficção, não ficção, e diria até mesmo entre ficção, não ficção, e poesia. Toda a literatura que amo tem sido para mim um mundo vivo no qual você pode mergulhar e viver; e, conseqüentemente, esse mundo, não importa quão distante esteja no tempo e no espaço, está conectado à sua vida. Então, para mim, não existem essas categorias, e acho que para a maioria dos leitores é o mesmo – lemos por paixão e necessidade. Lemos da mesma forma que respiramos ar fresco – para viver melhor, para sermos saudáveis, para sermos felizes. É sobre isso que escrevo; porque, caso contrário, não sei como lidaria com a situação... ou o que faria.

Essa questão das categorias é secundária para mim. Eu tenho me confrontado a ela, porque na indústria editorial meus livros precisam ser categorizados de alguma forma. Frequentemente me irrita o fato de meus livros serem chamados de



“escritos de viagem”<sup>5</sup>, “relatos de viagem” ou “literatura documental”. Na Bulgária temos também essa estranha divisão entre literatura “ficcional” e “não ficcional”, o que me parece absurdo. Para mim, a literatura, seja ela documental, ou seja, baseada na experiência, ou inteiramente imaginada pelo autor, é arte. Portanto, o conceito de ficção não me cabe. Nada é inventado em meus livros; tudo é vivenciado por mim ou pelos personagens. Não existe ficção, existe imaginação – sim, porque em toda arte há imaginação. Sem imaginação, morreremos instantaneamente. Não podemos viver sem imaginação. Um artista é movido por sua imaginação; para mim, imaginação e ficção são duas coisas completamente diferentes. Eu sou poeta desde criança, escrevo poesia que respira através da minha prosa. Muitas vezes me perguntam: por que você parou de escrever poesia? Eu não parei. A poesia entrou na prosa, elas se fundiram. Da mesma forma, para mim, a escrita artística é uma espécie de união com a forma poética. A forma é muito importante para mim.

Forma e conteúdo são muito importantes. Como disse Flaubert: Fundir forma e conteúdo é o sonho de todo escritor. Todo artista persegue esse *santo graal*. Esta é a sublimação para todo artista: o momento em que você vê como a forma do seu livro reflete perfeitamente o conteúdo. Isso é o nirvana. Para mim, isso significa fundir-me com a matéria sobre a qual escrevo e na qual vivo, porque vivo nesses mundos por cerca de dois anos. Vivi com *Anima* por dois anos, com *Elixir* por dois anos. Não tenho outra vida durante esse tempo - esta é a minha vida. Não tenho um escritório do qual saio e vivo confortavelmente pelo resto do tempo. Não! Todo conforto desaparece - eu estou lá. Seja mentalmente ou fisicamente, estive neste mundo por dois anos. Não há outro conforto, nenhuma outra felicidade para mim. Nesse sentido - sim - escrevo de maneira documental, porque tudo é vivenciado, e porque a experiência real dos meus personagens é a minha maior prioridade.

O mais importante para mim, uma vez que entro neste mundo, é poder contá-lo de forma honesta, digna e sem narcisismo. Tomemos como exemplo o mundo dos criadores de animais em *Anima*, que é complexo e multifacetado. Quando eu estava nesse mundo, o mais importante para mim não era sobreviver. Sou tão obcecada pelo assunto sobre o qual escrevo que sobreviver se torna irrelevante para mim. Perco, em certa medida, meus instintos de sobrevivência. Para mim, o mais importante é que a história sobreviva. Qualquer ego precisa ser deixado de lado. Estou na história, mas

---

<sup>5</sup> Em original « travel writings ».

meu ego não deve estar presente. A história dessas pessoas, desses lugares, do que está acontecendo neste lugar é o que importa! Assim, como tudo o que aconteceu nessas terras no passado é importante; assim como Espártaco, que nasceu em Struma, liderou a revolta dos escravos, e isso continua sendo importante para nós de alguma forma, porque o eco desse evento distante de 2000 anos atrás continua a nos alcançar e a ser relevante. Da mesma forma, Kamen, Marina, Sasho e as ovelhas Karakachan em Pirin são importantes e continuarão sendo importantes daqui a 2000 anos. Se ainda existirão ou não, é outra questão, mas certamente serão importantes! Nesse sentido, voltamos à sua pergunta: é assim que escrevo meus livros, e, é por isso que eles não se encaixam em nenhuma categoria.

*E o cão Karakachan? Desde que os grandes rebanhos Karakachan foram desmantelados na década de 1950, ele sofreu um destino brutal. Em 1990, já estava em perigo de extinção há várias décadas. Quando os nômades se tornaram sedentários, e seus cães se tornaram selvagens, o Estado inventou a política ‘anti-rrábica’, que dava permissão irrestrita para matar cães de guarda que não eram utilizados. Isso causou o primeiro declínio acentuado no pedigree Karakachan. A raça foi ainda mais diluída na década de 1980 pelo cruzamento descontrolado com outros cães grandes de linhagens completamente diferentes, como o Pastor do Cáucaso e o São Bernardo. Isso aconteceu porque não havia um padrão estabelecido para a raça.*

*Nesse contexto, Kámen, Aquiles e Marina percorreram a região montanhosa em busca de mais cães como Kitan. Eles os encontraram com os últimos pastores das terras altas – raças locais ameaçadas de extinção de cães, ovelhas, cabras e cavalos, pelas quais ninguém mais se interessava porque seu valor comercial havia se perdido.*

*Ao longo da década seguinte, a missão dos irmãos foi um sucesso: criar cães Karakachan autênticos e ter a raça oficialmente reconhecida e quantificada era algo inédito. Os cães da linhagem de Kitan despertaram interesse, venceram competições e começaram a ser vendidos no país e no exterior, inspirando todo um movimento no mundo dos amantes de cães. Isso garantiu a saúde do patrimônio genético. Quando Kámen e Kitan foram convidados para um estúdio de televisão na capital, porque Kitan já havia se tornado uma celebridade, o cão passeava pelas ruas da cidade na coleira como se tivesse crescido ali. Mas o cão Karakachan não é um animal de estimação. Ele precisa de uma missão: servir de guardião. O aprimoramento da raça ao longo dos séculos foi implacável. Ouvi falar de casos da década de 1980 em que*

*cães Karakachan que não reagiram a um ataque de lobo foram baleados por seus donos, que choravam enquanto faziam isso. Não se pode alimentar um cão Karakachan que não faz seu trabalho; esta era a lógica implacável, mas se tratava de algo mais do que isso - havia uma ética militar nesta ação. Contar os desertores em suas fileira é fora de questão. De fato, esses cães foram usados pelo exército desde a Guerra Russo - Turca em 1878. Tradicionalmente, os cães pastores têm uma orelha cortada quando filhotes, a orelha direita para os machos, a esquerda para as fêmeas, devido a uma crença antiga que isso melhorava a audição. Isso ainda era feito em alguns lugares, e, Marina disse que havia alguma verdade na parte sobre a audição, mas a prática estava caindo em desuso, graças a Deus. Uma coisa era certa: esses cães foram feitos para se integrarem às montanhas agrestes do sul dos Balcãs, como à sua complexa teia de grandes predadores, animais herbívoros e humanos. Eles foram adaptados as condições extremas, e claro, podiam sobreviver como animais domésticos, mas sem se sobressair. Os cães de guarda não protegiam apenas o rebanho de grandes predadores. Eles também protegiam os grandes predadores de serem baleados pelos proprietários do gado.*

*Se indivíduos, como Kitan, desaparecerem, a teia da montanha em sua simbiose será rompida para sempre. Cães, ovelhas, cabras e cavalos da montanha vivem juntos, de mãos dadas, e os meios de subsistência e a psique humana estão entrelaçados nessa teia há milhares de anos.<sup>6</sup>*

**N.K.:** Muito obrigada pela sua resposta franca. Fiz essa pergunta por um motivo simples: hoje em dia, quando lemos um livro ou assistimos a um filme, as pessoas costumam fazer perguntas como: “Isso realmente aconteceu?”, “Essas pessoas realmente existiram?”, “Essas pessoas estavam lá naquele momento, naquele lugar?”, o que me leva a pensar que nossa realidade é muito ficcional, ou melhor, implausível. É por isso que nos fazemos essas perguntas, e, é por isso que buscamos cada vez mais vestígios de algo real, de algo que realmente existiu ou aconteceu. Não sei se você compartilha dessa opinião.

---

<sup>6</sup> Extrato do livro **Anima, A wild Pastoral**, (trad. Nikoleta Kerinska) Ed. Jonathan Cape – London, Penguin Random House - UK, 2024, p. 32-33.

**K. K.:** Essa é uma observação muito pertinente. E é muito verdadeira. Isso porque estamos sofrendo de “tédio<sup>7</sup>”. É paradoxal, mas é um fato: estamos simultaneamente super estressados e sofrendo de tédio. Que paradoxo doloroso! É por isso que todos estamos doentes de alguma forma. A pandemia tentou nos mostrar o quão doentes estamos, mas parece que, coletivamente, essa lição não foi aprendida. Não mudamos nosso modo de vida, ou melhor, o sistema que nos governa não mudou seus métodos. O sistema piorou. Tornou-se ainda mais agressivo, explorador e extrativista. Temos estado cada vez mais estressados desde a pandemia e, ao mesmo tempo, sofremos com essa profunda sensação de que a vida está em outro lugar. Tem até uma expressão literária: *Life is elsewhere*. A sensação de que a vida está em outro lugar nos faz querer viver de uma forma mais espetacular (algo que certas pessoas buscam nas tecnologias digitais). Talvez seja por isso que nos fazemos esta pergunta. “Isso realmente aconteceu?” é uma pergunta moderna, uma pergunta do nosso tempo. Por trás dessa questão intelectual reside a verdadeira questão emocional: “Eu também poderia vivenciar isso?”, “Eu gostaria de vivenciar isso?”. E quando meus leitores me perguntam: “Você realmente esteve nesses lugares?”, “Essas pessoas realmente existem?”, a verdadeira pergunta é: “Como eu também posso ir lá?”, “Como posso vivenciar algo assim?”. Na verdade, não é ruim nos fazermos essas perguntas.

Há leitores do mundo inteiro que me escrevem e perguntam: “Você organiza visitas?”. Para os três livros: *Fronteira*, *Ao Lago* e *Elixir*, há leitores que se fazem perguntas desse tipo, e alguns deles partem por conta própria. Isso me deixa extremamente feliz. Para *Anima*, ainda não ouvi falar de ninguém que tenha ido em busca das pessoas e dos lugares do livro, mas haverá alguns. O terreno lá é mais difícil.

Meus leitores da Itália, França, Polônia e de outros lugares da Europa estiveram nesses lugares e me escreveram sobre eles. É incrível o quão longe as pessoas podem ir quando sua imaginação, emoções e humanidade são estimuladas. Os leitores subiram acima da vila de Breznitsa, no leste de Pirin, para procurar o Hotel Breznitsa, que é um nome fictício, aliás, mas o hotel é real. Eles procuraram esse hotel, a mesquita e aquele mosteiro abandonado na fronteira que eu e Zico não

---

<sup>7</sup> Em original « ennui ».

conseguimos visitar. Há leitores que saem em busca desses lugares, e isso faz parte da jornada deles. Eles descobrem algo sobre si mesmos, e isso me dá uma enorme alegria, porque, assim como eu, esses leitores literalmente percorrem os caminhos e as trilhas desses lugares escondidos e *periféricos* entre aspas, que fazem parte de sua jornada metafísica.

Talvez Anima não tenha tantos seguidores que trilhem esses caminhos, escalem, procurem os currais e as ovelhas Karakachan. Mas o mais importante é que as pessoas, metafisicamente, emocionalmente e energeticamente, trilhem esses caminhos e que algo em suas vidas mude para melhor. Essa é a minha maior alegria, e, é por isso que falo de literatura viva, como um contraponto à literatura intelectual, que, na minha opinião, está bastante desgastada. Em grande medida, a literatura europeia está desgastada. Sim, essa é uma afirmação forte, mas eu a defendo com todas as minhas forças – a literatura europeia está desgastada porque ela se transformou em literatura intelectual. E, por isso é que buscamos algo diferente.

**N.K.:** Concordo plenamente. Esse momento da jornada metafísica é muito interessante. O que mais impressiona em seus livros é que embarcamos numa jornada da qual emergimos diferentes. Essa jornada nos transforma, cumprindo assim o mais importante para uma obra de arte. Quando uma obra de arte consegue nos transformar e nos fazer enxergar a nós mesmos de uma maneira diferente, ela cumpriu seu papel. Na minha opinião, este é o maior reconhecimento, e, a melhor coisa que pode acontecer a um artista.

**K.K.:** Sim! Nesse sentido, acredito que *a arte viva* é além de tudo uma experiência espiritual. O que observo é que o espiritual esteve ausente da arte europeia por gerações. Por isso mesmo a arte e a literatura europeias são em grande parte estéreis. A arte tornou-se um produto intelectual e comercial, porque o espiritual esteve ausente dela, assim como esteve ausente de nossas vidas. Acho que a única maneira de trazer o espiritual de volta à vida das pessoas é a natureza – o contato com a natureza, porque a natureza é espiritual. Digo isso no sentido mais amplo. Não entenda o espiritual como uma religião organizada ou um culto, mas o espiritual como o oxigênio que todos precisamos. A única maneira de trazer o espiritual de volta às nossas vidas é retornar à natureza. Por isso estou me voltando cada vez mais para esses lugares, e os meus livros estão se tornando cada vez mais ecológicos – espirituais, assim como *Elixir* e *Anima*.

**N.K.:** Vamos falar sobre o problema que você acabou de mencionar: a perda da espiritualidade e o distanciamento da natureza no homem moderno. Quando observamos as crianças, percebemos que elas carregam dentro de si uma visão de mundo que não as envolve com as rupturas contemporâneas. Elas são naturalmente próximas da natureza. O que podemos transmitir a elas ou ensinar-lhes para que essa conexão não se perca no futuro?

**K.K.:** Não sei se precisamos dizer alguma coisa às crianças. Para sermos como elas e agirmos com gentileza, devemos proporcionar a elas um contato agradável e valioso com a natureza, um contato regular, que faz sentir para elas e que lhes faça sentir-se fortes e cheias de energia. Especialmente aquelas crianças que já estão imersas no universo digital. Porque o universo digital rouba as forças das pessoas. Vemos isso nos rostos de todos – jovens e idosos – que estão presos a dispositivos digitais. A vitalidade das crianças é a mais vulnerável. Para mim, o contraponto disso é a beleza da natureza. Proporcionar às crianças uma conexão com a natureza, onde elas não sejam dependentes de seus dispositivos digitais, mas estejam conectadas a algo que lhes traga alegria e algumas atividades práticas na natureza. Não apenas como turistas, mas para se sentirem parte desses ecossistemas.

E isso é possível. A nossa geração e a seguinte, aqueles que viveram antes da dependência das tecnologias digitais e da inteligência artificial, são as gerações *pontes* – temos que fazer essa transmissão para os mais jovens, que já nasceram no mundo digital. Acho que temos uma responsabilidade para com essas jovens e crianças. Mas, antes de tudo, temos uma responsabilidade para conosco mesmos, para com a forma como vivemos. Só podemos mostrar-lhes pelo exemplo.

Tudo isso é muito difícil, porque a leitura também está em questão. Os leitores sobreviverão? Sempre haverá pessoas que querem ser escritores. Há muitos jovens que querem ser escritores, mas não leem. Nós, como espécie humana, sempre teremos o desejo de contar histórias. Contar histórias vem da experiência. Por isso acho que mesmo essas crianças que não leem livros precisam de experiências, precisam fazer parte de algo vivo. Ainda temos a natureza, mesmo vivendo em Paris e em grandes cidades. Talvez seja bom considerar essas ações como um ato de resistência. *Be a resistant!* Seja diferente! Talvez seja isso que devamos dizer às

crianças: “sejam diferentes”. Existe um conceito de *opt out*<sup>8</sup>. Façam algo diferente e os outros seguirão. Sejam originais. Não façam parte da máquina.

**N.K.:** Ótima mensagem! Obrigada. Antes de terminarmos, compartilhe algo, apenas algumas palavras sobre seu projeto futuro.

**K.K.:** Meu próximo livro se chama *Borrowed Land* (Terra Emprestada). Será traduzido primeiro em francês, em janeiro do ano que vem, e depois em outros idiomas, em búlgaro e em italiano. *Borrowed Land* é uma história sobre a região onde moro e sobre pessoas que têm uma relação próxima com a natureza. Novamente, este é um livro sobre ecologia humana, feito por meio de pequenas histórias, já que a ênfase neste livro é muito pessoal. Conta a história de como cheguei ao norte da Escócia, por que estou aqui, por que amo esta terra e por que sofro por esta terra. Durante 15 anos, testemunhei uma enorme destruição natural, destruição de ecossistemas, animais e até comunidades humanas, em nome da energia verde, entre aspas. A energia verde está chegando com grandes pegadas – *footprint*. Fala-se muito sobre *carbon footprint* - pegada de carbono. Para reduzir a pegada de carbono, busca-se energia renovável na forma de enormes parques eólicos e outras infraestruturas, que, na verdade, têm uma enorme pegada de carbono. Embora sejam declaradas energia verde, elas realmente não são. Causam destruições gigantescas no mar, nas áreas costeiras, nos rios e no solo e no ar. Essa indústria emergente de energia renovável, ou verde, está se mostrando particularmente destrutiva e ambientalmente devastadora. Aqui na Escócia, tudo é para exportação, não para consumo. Portanto, esta é uma nova corrida do ouro que beneficia apenas grandes empresas globais e distribuidoras de energia. É sobre isso que meu livro trata: contar o que está acontecendo aqui.

**N.K.:** Os problemas com essas fazendas, assim como com a instalação de painéis solares, são também problemas globais que observamos em muitos países. Essas infraestruturas são prejudiciais às pessoas e aos animais que vivem nas proximidades.

**K.K.:** Este é, na verdade, um dos grandes problemas da nossa época: sob o pretexto da energia verde, o sistema industrial-militar continua operando, destruindo a Terra e a água. Sob um novo rótulo, continuamos destruindo. Em vez de nos

---

<sup>8</sup> Optar por ficar de fora de algo.

perguntarmos como usar menos energia, tentamos obtê-la de outras maneiras, continuando a explorar os recursos naturais.

**N.K.:** Antes de terminarmos, gostaria de mencionar uma autora brasileira que é muito importante para mim. Ela é jornalista, eu não sou, mas temos muito em comum no que escrevemos, e, também no ativismo. Ela vive como ativista, eu não vivo tanto como ativista, mas existem paralelos entre nossos livros. Estou falando de Eliane Brum. Ela é conhecida no Brasil, e está começando a ser traduzida para outros idiomas. Eu gosto muito dos livros dela porque são docuficções. São histórias sobre pessoas reais, nos arredores do Brasil, entre aspas. Ela escreve com uma paixão e uma franqueza raras na literatura europeia, pelas razões que já mencionamos. Para mim, autoras como ela representam o futuro da literatura viva.

**N.K.:** Muito obrigada pelo seu tempo e atenção! Foi um prazer conhecê-la!

**K.K.:** Obrigada a você também pela atenção. Fico muito feliz que tenhamos estabelecido essa conexão! Falamos a mesma língua!

**N.K.:** Sim! Falamos a mesma língua, literal e metaforicamente<sup>9</sup>! Desejo-lhe sucesso e até breve!

---

<sup>9</sup> Esta entrevista foi realizada em búlgaro, e posteriormente traduzida para português e inglês.





Figura 1. Capas do livro **Anima, A wild pastoral** disponível em <https://kapka-kassabova.net/1841-2/>



Figura 2. Capas do livro **Elixir**, *A voyage into the alchemy* disponível em <https://kapka-kassabova.net/books/elixir/>





Figura 3. Capas do livro **To the lake** disponível em <https://kapka-kassabova.net/books/to-the-lake/>



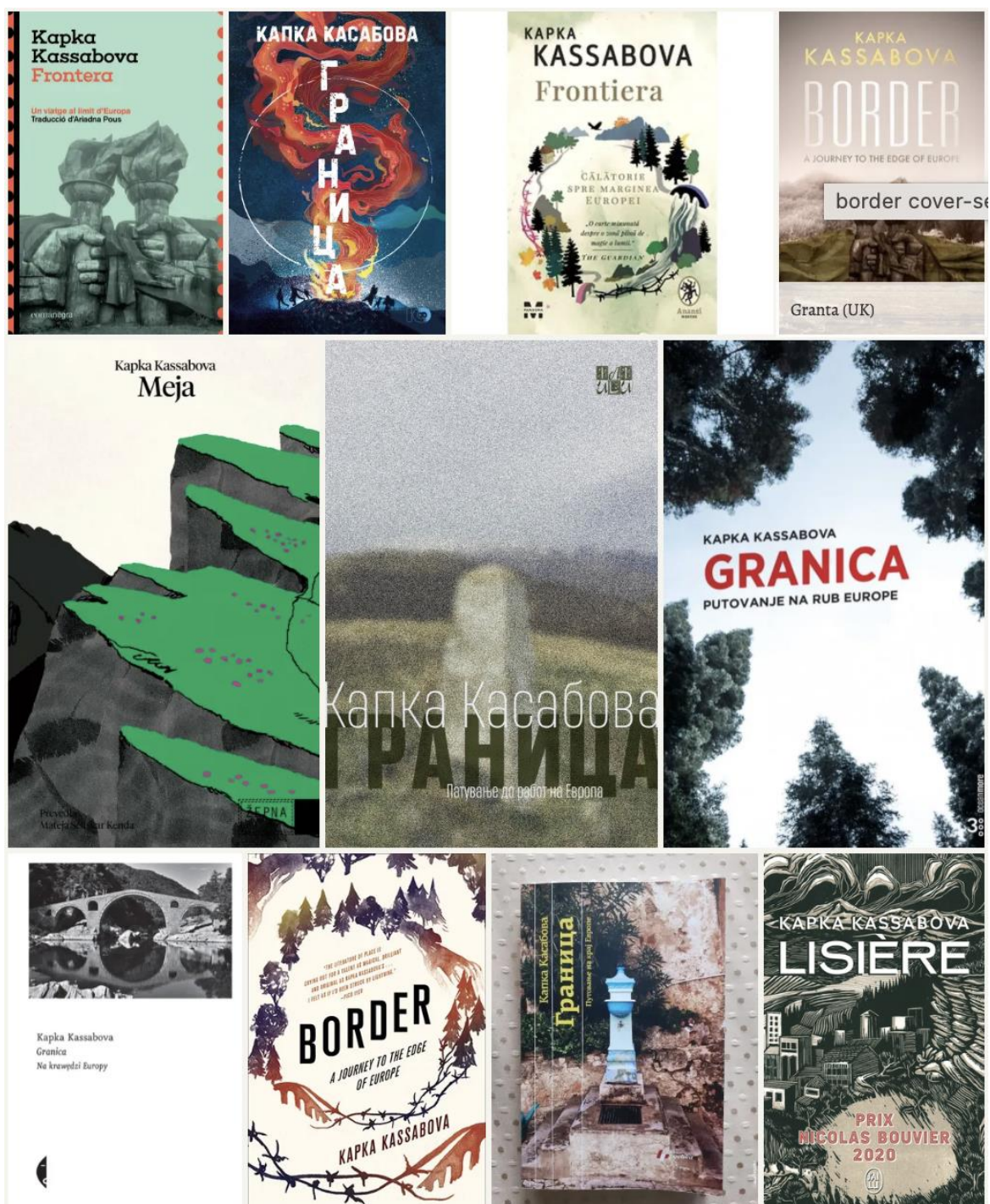


Figura 4. Capas do livro **Border, a journey to the edge of Europe**, disponível em <https://kapka-kassabova.net/books/border-a-journey-to-the-edge-of-europe>

#### Sobre as autoras

Nikoleta Kerinska é artista, pesquisadora e professora de arte na Universidade Politécnica Hauts-de-France (França). Em sua pesquisa, ela se interessa pela simulação como meio de construção de ficções artísticas, pelos diversos registros da imagem, e, especialmente pelas noções de transmídia e de intermídia no campo da arte. As convergências e as divergências entre texto e imagem como sistemas de signos dessemelhantes estimulam fortemente suas reflexões.

<https://nk.artificialis.org/>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9119298795241795>  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5486-1381>

Kapka Kassabova nasceu em novembro de 1973, em Sófia, filha de pais cientistas, e estudou no Liceu Francês. Em 1992, sua família emigrou para a Nova Zelândia, onde estudou Linguística e Literatura Francesa na Universidade de Otago e Literatura Inglesa e Escrita Criativa na Universidade Victoria. Começou a escrever poesia na infância. Nos primeiros anos na Nova Zelândia, ela opera uma transição do búlgaro, sua língua materna, para o inglês a nova língua que ela adota para sua escrita. Seus primeiros livros refletem esse estado de fragmentação – as coletâneas de poesia *All roads lead to the sea* e *Dismemberment*, e os romances *Reconnaissance* e *Love in the Land of Midas*. Em 2005, Kapka emigra para Edimburgo, na Escócia, onde escreveu *Street Without a Name* (2008), uma história de amadurecimento nos últimos anos do comunismo e uma jornada pela Bulgária pós-comunista. No cerne do seu trabalho está a busca por um encontro transformador com lugares e pessoas. Margens, confluências, consequências – esses são os seus lugares. Na última década, criou um conjunto de obras que cresceu organicamente e se tornou a tetralogia dos Balcãs. Cada livro a conduz a uma região do sul dos Balcãs, na Bulgária e em suas fronteiras. São ecossistemas humanos e naturais ricos, marcados por traumas políticos. Os dois primeiros livros são *Fronteira* (2017) e *Ao Lago* (2020), que exploram histórias coletivas. Os dois últimos são *Elixir* (2023) e *Anima* (2024), que investigam como humanos, plantas e animais estão ligados por uma interdependência vitalizante. Seus livros receberam diversos prêmios literários entre os quais: Commonwealth Writers' Prize; NZ Montana Book Award; Premio Special Gambrinus Mazzotti; Prix du Meilleur Livre Etranger (2021); BBC Radio 4 Book of the Week (February 2020) Best Books of 2020 in The Sunday Times, The Financial Times, The Herald, The Tablet, and The Booksellers' magazine; Prix Nicolas Bouvier in France (2020), Prix européen du livre, special mention of the jury (2020), British Academy Nayef Al-Rodhan Prize for Global Cultural Understanding (2018); Highland Book Prize (2018); Edward Stanford Dolman Book of the Year (2017); Saltire Society Scottish Book of the Year (2017).

Até o presente momento não existem traduções em português dos livros de Kapka Kassabova.

<https://kapka-kassabova.net/>

#### Como citar

KASSABOVA, Kapka; KERINSKA, Nikoleta. Falamos a mesma língua: Uma conversa entre Nikoleta Kerinska e Kapka Kassabova. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v. 6, n. 2, p. [n.p.], jul./dez. 2025. DOI 10.14393/EdA-v6-n2-2025-80933 (**versão ahead of print**).



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.